

ANIMAIS DOMÉSTICOS

Tráfico Há uma indústria online que faz milhões de euros a vender cachorros criados em condições deploráveis

A grande fábrica ilegal de cães



Patrícia Pinto comprou “Oddy”, uma buldogue francesa, na internet. O boletim de vacinas tinha vinhetas falsas, carimbadas por veterinários inexistentes, e a cadela chegou infetada com parvovirose

TEXTO RÚBEN TIAGO PEREIRA FOTOS NUNO BOTELHO

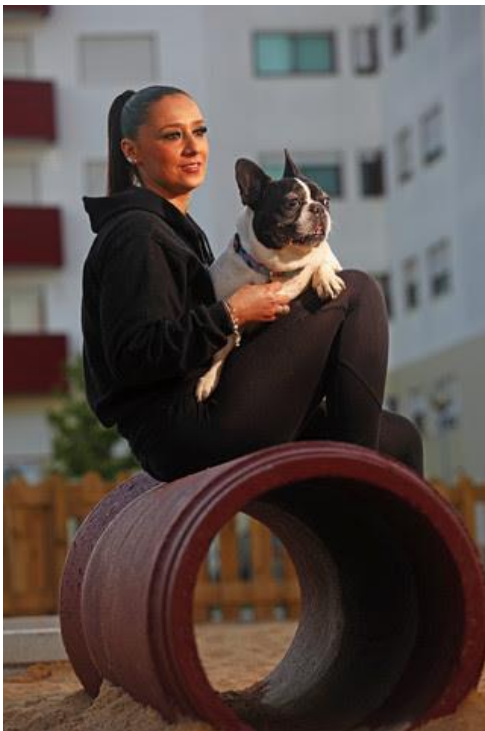
P

atrícia Pinto não quis perguntar de onde veio

nem quanto custou a prenda que o namorado lhe deu faz agora cinco anos. Era um animal de companhia, uma buldogue francesa chamada “Oddy” porque vinha de Odivelas. Custou centenas de euros e foi comprada online. Dias depois, o animal não estava bem e o veterinário confirmou: era parvovirose, uma doença infecciosa grave que afeta essencialmente os cães jovens e sem vacinas. Começaram as perguntas. “De onde veio? Onde a foste buscar?” Respostas: antes de chegar a Lisboa, “Oddy” partiu da Sérvia e quando foi comprada não tinha três meses, como anunciado, mas apenas mês e meio. No seu boletim de vacinas, que era afinal um passaporte, constavam vinhetas falsas, carimbadas por médicos veterinários inexistentes. Patrícia foi à origem apenas para descobrir que o criador que lhe vendera a “Oddy”, em Odivelas, era afinal a ponta final de uma rede internacional de tráfico ilegal de animais. Em 2016, este era o terceiro maior mercado ilegal na Europa, a seguir às drogas e às armas, segundo a Comissão Europeia. Em 2021, o plano de estratégia da União Europeia contra o crime organizado reforçava a ideia: “Animais de companhia continuam a ser traficados, com consequências devastadoras.” Para a saúde dos animais e para a carteira de quem fica com eles doentes. Patrícia que o diga: “Num ano, já gastei €5 mil com a ‘Oddy’. Desde operações, internamentos, medicação...”

Joanna Randall, porta-voz da organização Four Paws, uma ONG que está a trabalhar com os eurodeputados numa

solução para este problema, explica que no Leste da Europa há vários países low cost, como a Croácia, Polónia ou Bulgária, por exemplo, onde as puppy mills (fábricas de cachorros) são uma prática comum. Produzem as raças que estiverem a vender mais sem qualquer critério de qualidade. “Os animais são criados em situações deploráveis e depois traficados por toda a Europa para serem vendidos em países onde a procura e os preços são mais altos.” Os números são complexos, mas eis o que a Four Paws sabe: na União Europeia, Reino Unido e Suíça, estima-se que existam 69 milhões de cães domésticos. Considerando a sua esperança média de vida, estima-se também que haja uma procura de seis milhões de cães por ano. Sabe-se que apenas 1,1 milhões são de criadores registados, logo 4,9 milhões têm origem desconhecida. Nem todos serão ilegalmente criados e traficados, mas uma parte demasiado grande será. Num estudo da organização Dogs Trust, de 2018, um traficante húngaro revelou ter vendido 400 cachorros numa semana. O que equivale a 20 mil animais num ano, a €1000 por cachorro. É um volume de negócios de €20 milhões.



Monique Megens, ex-presidente da Federação Europeia de Associações Veterinárias de Animais de Companhia (FECAVA), acrescenta: “No verão passado, um avião vindo da Ucrânia, carregado com 572 animais, aterrou no Canadá e a bordo vinham 38 cachorros mortos. E isto não é a exceção. É uma prática comum.” Fronteiras abertas e penas irrisórias tornam este mercado rentável e acessível. “Podem não fazer os milhões que fazem com as armas e a droga, mas quem é apanhado é condenado no máximo a quê? Seis meses por crueldade animal? Compensa muito”, completa Joanna Randall. Por ano, na Europa, segundo dados da Four Paws, este mercado ilegal gera cerca de €1,5 mil milhões e são transacionados mais de dois milhões de cães nas principais plataformas online de anúncios classificados. A organização EU Dog & Cat Alliance calculou que num dia, em Portugal, nas plataformas OLX e Custo Justo, estavam online 1398 anúncios de cães e 234 de gatos.

HÁ MAIS POR TRÁS DE UM SIMPLES ANÚNCIO ONLINE

Estas redes de tráfico não são o único problema da compra e venda de animais online. “Nestas plataformas, convivem, simultaneamente, criadores registados, não registados e criminosos”, explica Emir Chaher, presidente da Associação Portuguesa de Médicos Veterinários Especialistas em Animais de Companhia (APMVEAC). Em Portugal, existem cerca de 110 alojamentos de hospedagem de animais de companhia que não constam nas listas publicitadas pela Direção-Geral de Animais e Veterinária (DGAV), concluiu o relatório do Grupo de Trabalho para o Bem-Estar Animal, criado em 2020 para ajudar o Governo a limar a sua estratégia nesta matéria. No site da DGAV existe uma lista de criadores registados cujo número é obrigatório constar em todos os anúncios. Em plataformas como o OLX ou o Custo Justo é impossível publicar sem

essa informação, mas os números são muitas vezes falsos. “Temos situações em que simplesmente copiam o número de um sítio devidamente registado”, explica Susana Pombo, diretora-geral da DGAV. “Estamos a tentar trabalhar com estas plataformas no sentido de tornar a informação mais fidedigna, mas é importante que o comprador perceba que tipo de informação precisa de ter para não entrar numa situação perigosa para a saúde do animal e para as suas finanças”, afirma.

Para além do número do criador, nos anúncios devem constar também os números dos microchips das crias e progenitoras. Numa série de chamadas que o Expresso fez para vários anunciantes, que pode ouvir na versão digital desta reportagem, esses números eram todos falsos, sem exceção. O número de criador pode ser verificado online por quem compra, no site da DGAV, mas aos números dos microchips só os veterinários têm acesso. “Antes de comprar um animal, recomendo que vá falar com o seu médico veterinário. Se não tiver, vá à clínica mais próxima de sua casa. Qualquer veterinário tem capacidade para avaliar se a informação que encontrou online é fidedigna”, aconselha Emir Chaher.

QUAL É A SOLUÇÃO?

“Se estivéssemos a falar de brucelose ou do bem-estar de suínos numa criação de porcos, existiriam regras mínimas transversais a todos os Estados-membros. Com os animais de companhia, cada país legisla de acordo com a realidade que conhece, mas, sendo um problema transversal, deve caminhar-se no sentido da regulamentação europeia. Depende dos sistemas informativos”, explica Susana Pombo, da DGAV. A Four Paws está a trabalhar com outra organização, a Europetnet, para lançar a PetSafe, uma plataforma que vai ligar as bases de dados dos microchips de todos os Estados-membros com as plataformas de anúncios classificados, para garantir que só os criadores

registados e legais conseguem anunciar. Outra réstia de esperança para estas organizações é conseguir incluir regulamentações para a venda e anúncio de animais online nos recém-criados pacotes legais da União Europeia que vão regulamentar os serviços e mercados digitais.

Jornal Expresso, SEMANÁRIO#2544, Primeiro Caderno, 30 Julho 2021